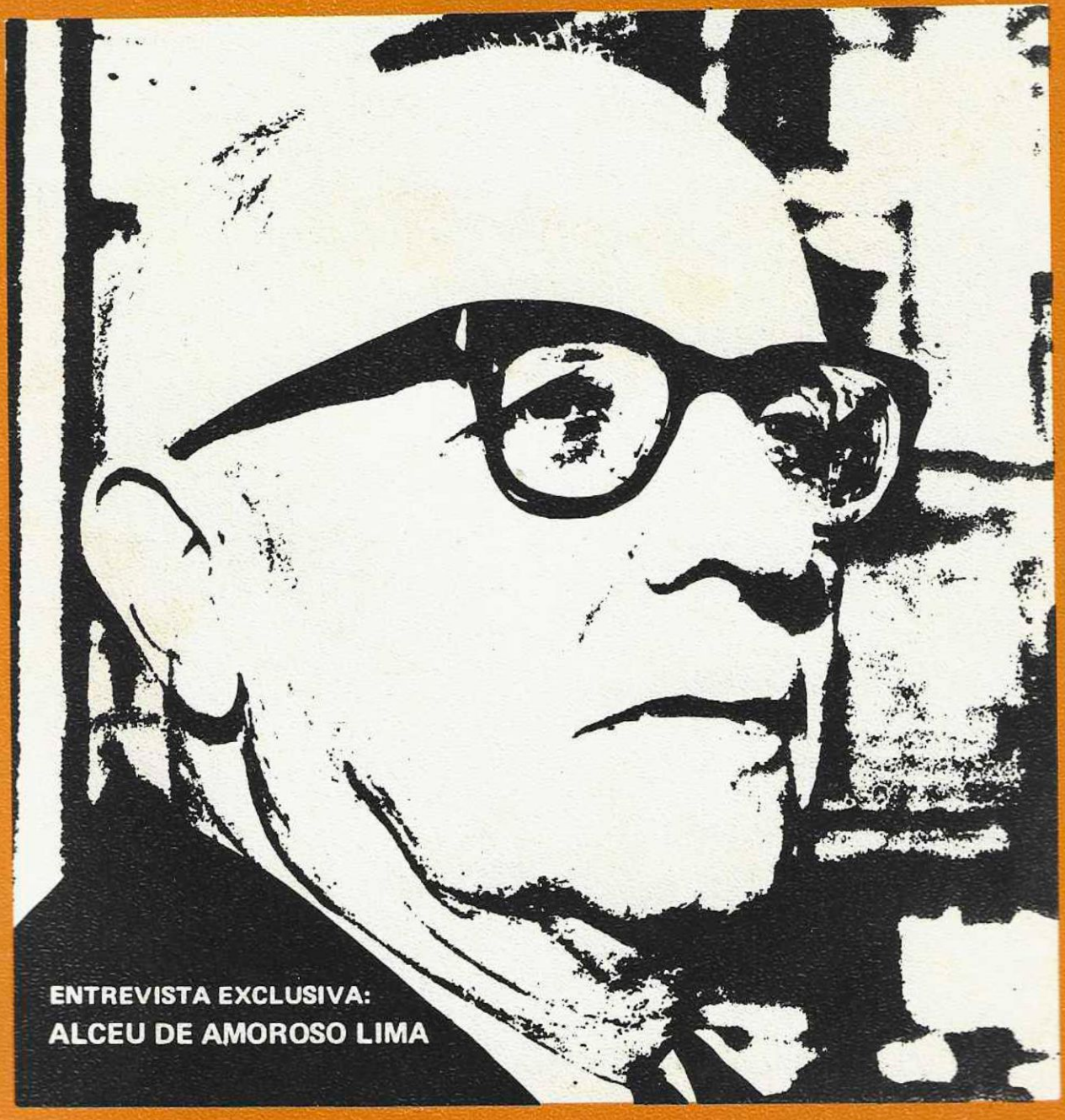
fato e razão

2



ENTREVISTA EXCLUSIVA:
ALCEU DE AMOROSO LIMA

fato e razão

2

Edição Movimento Familiar Cristão

Equipe de Redação deste número
José e Beatriz Reis
Selma e Helio Amorim

Supervisão Técnica
IBRAF — Instituto Brasileiro da Família

Arte e Diagramação
Maria Cristina de A. Gonçalves
Valter Vicente

Coordenação de Editoria
SENFOR — Secretariado Nacional de Formação — MFC

Realização
CONDIN—Conselho Diretor Nacional
Manoel e Elmira Santos
Otávio Henrique e Celice Aguiar
Antonio e Renita Allgayer
Selma e Helio Amorim

Distribuição
CONDIR - Norte
R. Tiradentes, 887 - Macapá
CONDIR - Nordeste
R. Rio S. Pedro, 3/601 - Salvador
CONDIR - Centro
R. Des. Saul Gusmão, 80 - Rio
CONDIR - Sul
R. Dr. Timóteo, 429 - Porto Alegre

Produção Gráfica
Armando Amorim Publicidade
Av. Pres. Vargas, 590 - s/2106 — Rio

SUMÁRIO

"a família deve criar seres humanos" 2
recado ao leitor 6
desafios que esperam respostas... 8
sexualidade, linguagem do amor.. 14
educar na fé: missão da família... 18
fé adulta ou infantilismo religioso? 22
feminismo ou promoção 28
paternidade responsável x controle da natalidade 33
luzes da cidade: uma grande ilusão 38
cooperativas: cresce o interesse... 44
a família brasileira 50
a culpa coletiva..... 54
roteiros para reuniões e debates.. 57
será tão difícil transmitir a fé?... 58
"não tem mais sentido" 60
uma esperança 62
ser mulher pode ser diferente?... 64
ninguém gosta de ser dominado.. 66
devemos ter mais filhos?..... 68
"Deus me quebra o galho"..... 69
depoimento de um jovem desempregado 70
escreve o leitor..... 71

"a família deve criar seres humanos"

P — A partir da Revolução Industrial, a família vem transferindo para outras estruturas sociais muitas de suas funções tradicionais. Quais seriam as funções essenciais da família no mundo moderno?

R — Eu não sou muito partidário de certas posições da teologia católica do chamado familismo político. Acho que, de certo modo, os positivistas tinham mais razão no sentido de reservar à família uma função de caráter moral, educativo, religioso, espiritual, quer dizer: à família compete fornecer seres humanos que a Escola não é suficiente para formar e que a vida é muito capaz de deformar.

Portanto, compete à família não só a função biológica de transmissão da vida para a permanência e propagação da sociedade, civil e religiosa, mas sobretudo a formação de seres humanos.

P — Os fenômenos sociais e a realidade do mundo moderno repercutem sobre a família de modo a dificultar a realização dessa função?

R — Temos alguns dados irreversíveis. A revolução industrial, as grandes metrópoles e todo um conjunto de realidades que marcam a vida moderna. O fenômeno da técnica, por exemplo. Não podemos condenar a técnica mas podemos condenar a tecnocracia, o tecnocracismo. Não podemos condenar a cidade. Nela, os homens vivem a sua natureza humana e desenvolvem a política, que é a arte, a ciência de conviver numa civilização, como cidadãos. Essas coisas são absolutamente consubstanciais à natureza humana. Mas, o mundo está entregue ao imanentismo não corrigido por um transcendentalismo e este é o perigo maior do mundo moderno. Quer dizer: as forças imanentes da História são absolutamente fundamentais porque sem elas Deus não escreve a vida. Mas o desenvolvimento espantoso que a inteligência e a habilidade humanas vem realizando através da ciência e da técnica, estas forças imanentes e portanto naturalistas da História trazem uma tendência ao que Nietsche chamava de extra-limitação de todos os valores.

P — Quais serão os efeitos dessa tendência?

R — Vejam o fenômeno da poluição, por exemplo, que acompanha o fenômeno do desenvolvimento industrial. Todo mundo pensava, há 50 anos, que bastava industrializar para que a sociedade progredisse. Hoje estamos vendo o Clube de Roma dizer que basta! É preciso parar de crescer. Não que o homem possa parar de crescer pois crescer é próprio da natureza humana. Mas crescer no sentido da lei fundamental da vida que é a lei da perfectibilidade. É justamente aqui que ressalta a função da família. O Estado visa ao bem comum; a Igreja ao bem espiritual; a família visa a conservar o humanismo, a formar o ser humano e garantir a humanização da sociedade. A família participa da Igreja e do Estado mas, como família, sua função não é religiosa ou política mas humanizante: a humanização da sociedade, a determinação dos limites da liberdade e dos direitos da autoridade, para a preservação da dignidade do ser humano, contra toda a tendência à desumanização. A família não será apenas um equipamento que evite choques entre estruturas sociais intermediárias — Escola, Empresa, Sindicato, etc. — mas que corrija a tendência do desenvolvimento dessas e outras estruturas, civis e religiosas, para que a sociedade não se torne desumana.

P — A família será então o elemento equilibrador de duas tendências divergentes?

R — Já observamos que o desenvolvimento da ciência e da técnica, das comunicações e de todos os serviços de infra-estrutura tem trazido consigo uma tendência à desumanização. Temos, de um lado, a lei fundamental da vida que é a lei da perfectibilidade; e de outro, a lei fundamental do mundo moderno, que é a lei do desenvolvimento. Esse desenvolvimento, ou crescimento, tal como é entendido, não é um bem em si mesmo. Seria assim na vida mineral ou vegetal mas, para o ser humano não é.

Cabe especialmente à família conservar a sociedade dentro dos limites que impossibilitem aquela extra-limitação, o exagero desumanizante, porque sabemos que o próprio exagero da virtude leva ao vício. . . Nossa honra e interesse individuais, por exemplo, são um bem próprio. Mas se os colocamos acima do bem comum estaremos desvirtuando tudo. Uma ocasião, dando uma aula, eu disse que os vícios são as virtudes enlouquecidas. . . A respeitabilidade do indivíduo pode se transformar em egocentrismo; ser econômico é muito bom, mas a avareza é terrível. O amor físico é natural, é um bem; mas se o transformamos em amor supremo e o hipertrofiamos, estaremos transformando uma virtude em vício. Não era à toa que os gregos colocavam a temperança como virtude suprema. Por que? Porque era o equilíbrio, a medida justa.

P — Cabe, então, à família garantir que o desenvolvimento não se sobreponha à lei da perfectibilidade e se torne desumanizante.

R — E a meu ver, a família é o grupo que consegue realizar a convivência dos demais grupos, transformando coe-

xistência em convivência. Isto é que é civilização. A família tem essa função formidável. Em face do Estado, da Escola, de tudo enfim. Ela impede a extra-limitação de todos os valores egocentristas. É essa, a meu ver, a grande função da família.

Em toda sociedade em que se queira paz, fraternidade, harmonia, convívio, entendimento, respeito à liberdade dos outros — aí está a palavra da família. A educação, na família, pela família, tem que ser toda voltada ao ser humano, à alma humana, à humanização da sociedade. Não é a socialização, não é a universalização, não é a harmonização da sociedade. É, antes, a fraternização, a humanização da sociedade.

P — As famílias, hoje, tem condições de realizar essa função fundamental?

R — Nós vemos que as famílias, hoje, não podem ser famílias. E toda injustiça que se faz à família é uma terrível injustiça social.

Dei trinta cruzeiros hoje a um pobre homem que estava morrendo de fome. Ele se ajoelhou para me agradecer. Eu é que devia ter me ajoelhado por estar podendo dar aqueles cruzeiros que não me faziam falta. Para aquele pai de família, trinta cruzeiros representavam uma coisa tão grande que o levou a ajoelhar-se aos meus pés. É uma coisa terrível o desnivelamento da econômia e a miséria.

A família não pode realizar sua função essencial, nem qualquer outra função social, enquanto houver esse desnivelamento econômico. Neste ponto, Marx tinha razão quando introduziu a econômia como elemento social fundamental. Como podemos querer que uma família eduque seus filhos e tenha noção de sua função, de sua missão, de sua posição — se não tem o que comer? Então, a concepção autenticamente humana, racional, cristã da família, no sentido total do termo, só pode se realizar dentro de uma situação econômico-social que impeça estes desnivelamentos.

P — Da família marginalizada não se pode portanto exigir que assuma e realize aquelas funções que lhe seriam próprias.

R — Não se pode dizer que haja uma moral proletária diferente da moral burguesa ou da moral aristocrática. Mas a vida do proletário. . . inclusive o termo proletário já significava que a prole era a sua riqueza! O filho deve ser lançado ao trabalho o mais cedo possível para compensar os gastos adicionais que trouxe para a família. E como se pode exigir que esse pai faça de seu filho um ser humano, capaz de uma ação humana e humanizadora, vivendo nas condições em que é forçado a viver? Famílias que vivem em promiscuidade terrível num quarto só. Mães que não tem condições de conter e educar os filhos vivendo na promiscuidade da favela.

Então o problema da condição econômica, ao meu ver, é absolutamente primordial, substancial, se dissemos que a função da família é uma função equilibradora da sociedade. Diante da realidade social, chegamos a isso: não podemos exigir da família que não tem condições de viver humanamente, realize uma moral familiar, uma moral social que esteja de acordo com a boa e sadia teologia da família.

E se colocamos essa exigência de tese econômica logo dizem que isto é marxismo. Marxismo coisa nenhuma! Isto é humanismo, é objetividade, é ciência objetiva, realidade concreta e bom senso.

Lembro-me quando, na Escola de Serviço Social, as mães perguntavam: "Como conter nossos filhos lá no morro, se vamos trabalhar e não temos com quem deixar os meninos? ". Nestas condições, como cobrar a realização de uma moral conjugal, o respeito conjugal? As coisas se prendem umas às outras, e não atendem absolutamente à doutrina da Igreja.

P — Que tipo de divergência se pode ressaltar?

R — O planejamento familiar responsável, por exemplo. É muito bonito, verdadeiro, autêntico. Mas se não houver condições sociais necessárias para isso, estamos fazendo ideologia. Perseguindo uma utopia que nunca será realidade sem justiça social, sem distribuição racional e justa de bens.

O mesmo no campo da Educação. Por que os filhos das famílias proletárias não conseguem atravessar as barreiras da Universidade? Porque as famílias não querem? Porque aquelas famílias não são células sociais como as outras? Claro que não! É porque estão com fome! Não tem possibilidade de educar. Não podem ter uma vida normal tranquila, professores e cursos de bom nível, como os outros.

Por isso, os outros se inserem num plano superior da vida política, em condições que os filhos dos proletários não podem ter. Há realmente uma defasagem terrível.

P — As leis e conceitos morais sobre a família permanecem dissociados dessa realidade concreta, ao que parece.

R — Devemos distinguir bem a concepção sadia de uma família especulativamente, de uma concepção sadia da família real e concreta. Não distinguir isso é absolutamente errado. Por mais que seja invocado tudo o que disseram os teólogos e os santos ou o que dizem as leis da família, nada adianta em confronto com a realidade concreta. A nossa concepção de família é, a meu ver, sadia, equilibrada, humana e cristã. Mas será utopia se não compreendermos que só poderão ser cobradas suas exigências morais e portanto familiares se a sociedade é bem organizada do ponto de vista material.

P — Parece atualmente crescente a preocupação pela família, tanto por parte dos legisladores como da Igreja que a considera prioridade pastoral.

R — Coloco a família no centro da sociedade, mais importante, no fundo, socialmente considerado, que a Igreja. Dizia-se que fora da Igreja não há salvação. O próprio Papa, há pouco tempo, condenou aquele beneditino que reafirmava isso sem considerar o sentido concreto de Igreja: pessoas, gente.

Então, a família tem uma importância enorme. É mais que um grupo espiritual porque é coordenadora moral e social da possibilidade de convívio das várias instituições, forças e estruturas.

Mas, para isso, é preciso assegurar à família condições básicas, material e econômica, indispensáveis para que se possa realizar.

Enquanto isso não se fizer, tudo serão palavras. Nossa Igreja pode pregar o que quiser que a realidade transbordará. Já Santo Tomaz dizia que a realidade transborda do conceito. E transborda também das encíclicas. Quantas, forem escritas, a realidade marcará e as palavras serão ponto morto. O que é preciso é encarar as coisas como são, diante das reais condições humanas. Nós não somos anjos, não vivemos no céu. Vivemos aqui na terra e temos que assegurar que nossas idéias sobre família sejam exequíveis. E isso só vai acontecer se garantirmos a cada uma, as condições de realizar, na prática, o que pregamos na teoria. ■

fato e razão

recado ao leitor

Ao retomar o trabalho para a produção deste segundo número, a equipe ainda saboreava as palavras de incentivo que seus indulgentes leitores lhe dirigiam pelo lançamento de FATO.

Confessamos ser deliciosamente gratificante o elogio e até chegamos a correr o risco de acreditar que já estamos acertando.

Mas logo uma saudável lufada de sensatez recolocou a equipe bem dentro da realidade.

Estamos a léguas de distância dos objetivos de FATO. Ainda é preciso continuar pesquisando a linguagem acessível a todos, sem prejuízo da riqueza do conteúdo.

A seleção da matéria deverá responder, sempre melhor, à expectativa daqueles a que FATO é dirigida.

O estilo e a apresentação da revista terão que corresponder, cada vez mais, ao bom gosto dos seus leitores.

Os roteiros para estudo, debates e reflexão precisam ser adequados a diferentes níveis culturais e realidades sociais em que sejam utilizados.

E ainda há que se divulgar mais amplamente a revista. FATO deve procurar chegar a todos que se preocupam com a problemática familiar e com o aperfeiçoamento das estruturas sociais que influem sobre a sua estabilidade.

Pode parecer utópica esta busca de objetivos tão amplos. E talvez o seja.

Mas utopia não é algo inatingível. É, sim, aquilo que **ainda não** se pode realizar aqui e agora.

Esse **"ainda não"** deve nos impulsionar na busca dos mais difíceis objetivos, por mais distantes que se coloquem.

E dessa busca participa necessariamente o leitor.

É da sua apreciação crítica, das suas sugestões e recomendações que se produzirão as correções de órbita para atingirmos os objetivos de FATO.

Por tudo isso, ao entregarmos este segundo número, misturam-se, em nós, uma certa sensação de alívio por mais um passo concluído, com uma excitante expectativa da sempre desejada e imprevisível resposta do leitor.

S. & H.A.

fato
OBRA 9

SABERÁ SITUAR-SE O HOMEM DE HOJE, ENTRE AS VÁRIAS INTERPELAÇÕES QUE O SOLICITAM?

desafios que esperam respostas

Tanto o mundo, quanto o Evangelho, interpelam o homem: o primeiro, colocando-o diante de fatos e situações concretas e exigindo dele atitudes que sejam resposta aos vários problemas vivenciais; o segundo, colocando em termos incisivos o relacionamento entre o homem e Deus e, consequentemente, dos homens entre si.

Essa interpelação traz consigo exigências radicais que questionam as atitudes pessoais e as instituições criadas pelos homens.

O HOMEM DIANTE DO MUNDO

Desde os primeiros tempos tentou o homem adaptar-se ao mundo no qual vivia, tentou povoá-lo, dominá-lo e colocá-lo a seu serviço.

No princípio, dominar a terra toda significava povoá-la. Fundamentava-se em mera fertilidade biológica. Com o desabrochar de potencialidades que o sobrepunham às demais criaturas e em resposta ao desafio da natureza, o homem foi descobrindo sempre novas formas de domínio. Desde a rudimentar utilização dos animais domésticos, da força propulsora dos ventos e das águas correntes, até a invenção da máquina, o homem subjugou as energias cósmicas, canalizando-as em seu benefício.

Na era da eletrônica e da descoberta da energia nuclear, o desenvolvimento da técnica, os meios de comunicação social e o conhecimento do próprio homem chegaram a um fastígio tal que ultrapassam os mais arrojados sonhos de nossos ancestrais históricos.

Tudo isto leva a atribuir-se à missão de **dominar a terra** uma nova dimensão, mais lúcida e mais objetiva do que aquela que tiveram as gerações que nos precederam.

Na tentativa de analisar sua missão, o homem, desde que surgiu na face da terra, vem confundindo o domínio do **mundo** como o **domínio do outro homem.** A dominação do homem pelo homem consubstancia uma situação de pecado, manifestado por relações de subordinação infra-humana ou desumanizante. Servindo-se de seu irmão na satisfação de interesses próprios, criou o homem múltiplas formas de opressão: a da mulher, do filho, da prostituta, do escravo, da vítima do subemprego, das coletividades profissionais dependentes, de nações pobres, das consciências, dos talentos, da liberdade, do direito de ser original.

A dominação do homem por outro homem, de um grupo por outro grupo, de uma nação por outras nações, foi exercido e percebido de modo diferente, de época a época, de uma cultura para outra. Em nosso tempo, a dependência suportada por massas humanas anônimas a serviço de minorias dominadoras, vem sendo, mais e mais claramente percebida pelas primeiras e aparece-nos sob luz nova, patenteando formas de desumanização até há pouco desconhecidas.

O HOMEM, FRENTE AO EVANGELHO

Esse homem, chamado desde a criação a dominar o mundo e a construí-lo até seu pleno acabamento, é inserido numa "nova criação" com uma perspectiva mais profunda do que a perspectiva meramente humana e, por isso mesmo, mais exigente em profundidade e extensão. A perspectiva evangélica, autêntico chamado de amor, situa-o como filho de Deus e como irmão entre irmãos, todos juntos corresponsáveis pela

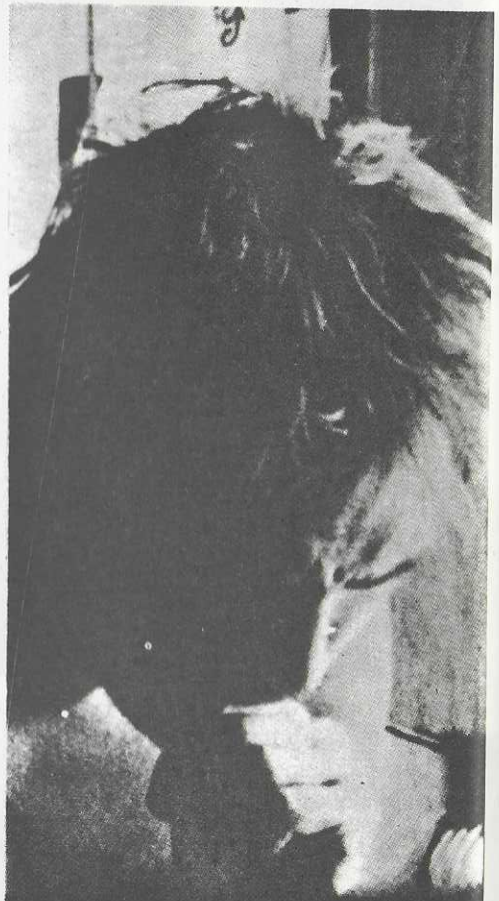
História da Salvação. Essa história é a própria história humana em busca da verdadeira libertação do homem.

Hoje, de modo mais claro, o homem toma consciência de que pertence a uma comunidade muito vasta, a qual se traduz em pequenas comunidades locais: sabe-se Povo de Deus. E sabe também que, como membro desse povo, é solidário com ele — corresponsável pela construção do mundo segundo o desígnio do Pai.

Esse homem, mais evoluído do que o de outras épocas e culturas percebe, hoje, que a situação de pecado (dominação-dependência) tem raízes profundas, tanto na área pessoal quanto na estrutural.

E, como resposta à exigência evangélica de fraternidade propõe-se a fazer no plano estrutural, "transformações audaciosas, profundamente inovadoras".

Como pessoa, entra num processo de revisão e conversão permanente diante das exigências evangélicas. Essas exigências hoje nos interpelam com voz nova, reclamando novas respostas.



SÃO PAULO AOS ROMANOS

Mortos ao pecado e ressuscitados em Cristo. 6. 1Que diremos, então. Continuaremos a viver no pecado, para que abunde a graça? 2De modo algum. Nós, que morremos para o pecado, como continuaremos a viver nele? 3Ignorais, acaso, que todos os que fomos batizados em Cristo Jesus, fomos batizados para participar de sua morte? 4Com ele fomos sepultados pelo batismo para que, participando de sua morte, vivamos também nós, uma vida nova como, ele, que ressuscitou dentre os mortos, pela glória do Pai.

RESPOSTAS ÀS INTERPELAÇÕES

"É como ser social e familiar que o homem concreto deve responder, tanto à interpelação do mundo de hoje, como à interpelação do Evangelho".

É verdade que a grande maioria dos homens deixa de tomar conhecimento dessas interpelações e aceita a vida tal como ela se apresenta. Alguns poucos chegam a analisar os fatos e optam por uma ou outra das interpelações como se elas fossem incompatíveis e irreconciliáveis. Apenas uma pequena minoria de pessoas ou comunidades, entre as quais deve estar a família, aceitando a vivência das exigências evangélicas, faz delas critério de análise e julgamento dos atuais condicionamentos, acontecimentos e situações; e, ao denunciar a face de injustiça neles presente, tenta anunciar, ao mesmo tempo pelo testemunho de vida e pela palavra publicamente pronunciada, a radicalidade das mesmas exigências evangélicas, colocando-as, não como norma impositiva, mas como meta ou ideal a ser buscado de modo consciente e opcional.

Assim fazendo, essa pequena minoria assume a vocação profética, latente em todos os batizados, e, sendo fiel a essa vocação, anuncia a soberania do Senhor e seu juízo a respeito de determinadas situações, de determinados acontecimentos ou de determinadas atitudes pessoais.

Anuncia a grande dignidade de cada homem — filho de Deus e irmão entre irmãos — reprovando publicamente que esse homem, hoje existente seja desrespeitado ou destruído em vista de um futuro utópico ou científico.

Denuncia as estruturas injustas que oprimem e escravizam, bem como o egoísmo que lhes deu origem e as sustenta, dia a dia.

Denuncia os falsos profetas, "aqueles que fabricam, para os homens, deuses que se adaptam aos seus pecados, deuses que agradam, que justificam tudo"; (Comblin).

Ao mesmo tempo proclama, pela palavra e pelo testemunho de vida, que o Reino de Deus não é apenas um reino futuro e atemporal, mas, pelo contrário, já está presente entre nós, na vivência de um novo tipo de relacionamento do homem com Deus e dos homens entre si — na fraternidade vivida até às últimas conseqüências.

Assim agindo, experimentam essas pequenas minorias o quanto é terrível e perigoso ser-se um verdadeiro homem e um verdadeiro cristão, capaz de, em cada circunstância, "irradiar a sua fé em valores que estão para além dos valores correntes e a sua esperança em qualquer coisa que se não vê e que não se seria capaz, sequer, de imaginar". (Paulo VI - Evangelii Nuntiandi). ▶

GAUDIUM ET SPES

A dignidade da pessoa humana e a promoção da família são tratados com clareza neste importante documento do qual transcrevemos alguns trechos como fundamentação destas reflexões.

O Homem Imagem de Deus

De acordo com a sentença quase concorde dos crentes e não-crentes, todas as coisas existentes na terra são ordenadas ao homem como a seu centro e ponto culminante.

O que é porém o homem? Ele emitiu e ainda emite muitas opiniões a respeito de si mesmo, variadas e contrárias entre si. Numas muitas vezes se exalta como norma absoluta. Noutras deprime-se até ao desespêro. Donde sua hesitação e angústia. A Igreja percebe claramente estas dificuldades. Instruída pela revelação de Deus, pode dar-lhes uma resposta, na qual se delineia a verdadeira condição humana, explicam-se as suas fraquezas e ao mesmo tempo se reconhecem de modo correto sua dignidade e vocação.

Pois as Sagradas Escrituras ensinam que o homem foi criado "à imagem de Deus", capaz de conhecer e amar seu Criador, que o constituiu senhor de todas as coisas terrenas para que as dominasse e usasse, glorificando a Deus. "O que é o homem para dele vos lembrardes? Ou que é o filho do homem para que vos ocupeis com ele? Entretanto, vós o fizestes pouco inferior aos anjos, coroando-o de honra e glória. Destes-lhe o poder sobre as obras de vossas mãos. Vós lhe submetestes toda a criação" (Sl 8,5-7).

Deus não criou o homem solitário. Desde o início, "Deus os criou varão e mulher" (Gn 1,27). Esta união constituiu a primeira forma de comunhão de pessoas. O homem é, com efeito, por sua natureza íntima, um ser social. Sem relações com os outros, não pode nem viver nem desenvolver seus dotes.

Deus portanto, como lemos novamente na Escritura Sagrada, viu "serem muito boas todas as coisas que fizera" (Gn 1,31).

A Promoção do Matrimônio e da Família como um Dever de Todos

A família é em certo sentido uma escola de enriquecimento humano. Mas para atingir a plenitude de sua vida e de sua missão requer a comunhão de alma no bem-querer, a decisão comum dos esposos e a diligente cooperação dos pais na educação dos filhos. É de grande proveito para a formação desses a presença ativa do pai. Mas, sem desprezar a legítima promoção social da mulher, deve-se pôr a salvo o cuidado da mãe em casa, do qual necessitam principalmente os filhos menores. Os filhos sejam educados de tal maneira que, ao atingir a idade adulta, possam seguir com pleno senso de responsabilidade sua vocação, inclusive a religiosa, e escolher um estado de vida no qual, se vierem a se casar, possam constituir família própria em boas condições morais, sociais e econômicas. É dever dos pais ou tutores orientar com prudentes conselhos os jovens que vão fundar uma família; ouvindo-os de boa vontade, cuidem, porém, de não obrigá-los por coação direta ou indireta a contrair matrimônio ou a escolher determinado cônjuge.

Desta maneira a família, na qual convivem várias gerações que se ajudam mutuamente em adquirir maior sabedoria e em harmonizar os direitos pessoais com as outras exigências sociais, constitui o fundamento da sociedade. Por isso todos aqueles que exercem influência nas comunidades e nos grupos sociais devem trabalhar eficazmente para a promoção do matrimônio e da família. O poder civil deve considerar como sua função sagrada reconhecer, proteger, cultivar a sua verdadeira natureza, defender a moralidade pública e favorecer a prosperidade dos lares. Deve-se garantir o direito dos pais de procriar filhos e educá-los no seio da família. Os que, infelizmente, não tem o benefício da família sejam também protegidos por uma legislação prudente e iniciativas variadas e socorridos por uma ajuda adequada.

Os fiéis promovam ativamente os valores da família e do matrimônio pelo próprio exemplo, pela ação concorde com os homens de boa vontade, aproveitando o tempo presente, discernindo as coisas eternas das formas mutáveis. Assim, vencidas as dificuldades, atenderão às necessidades e interesses da família que são próprios dos tempos novos. De grande ajuda serão para esse fim o senso cristão dos fiéis, a reta consciência moral dos homens, bem como a sabedoria e a competência daqueles que são versados nas sagradas disciplinas.

Os especialistas em ciências, mormente biológicas, médicas, sociais e psicológicas, podem contribuir grandemente para o bem do matrimônio e da família e a paz das consciências, se, mediante estudos comparados, se esforçarem por esclarecer mais profundamente as condições que favorecem a honesta regulação da procriação humana.

É dever dos sacerdotes, adequadamente formados em questões familiares, promover a vocação dos esposos na sua vida conjugal e familiar pelos vários meios pastorais, pela pregação da palavra de Deus, pelo culto litúrgico e por outros recursos espirituais, bem como humana e pacientemente fortificá-los nas suas dificuldades e confortá-los com caridade, para que se formem famílias que sejam verdadeiramente focos de luz.

Procurem pela doutrina e pela ação consolidar as várias obras, especialmente as associações familiares, os jovens e os próprios esposos, especialmente os recém-casados, e formá-los para a vida familiar, social e apostólica.

Finalmente os próprios esposos, criados à imagem de Deus vivo e estabelecidos numa verdadeira relação de pessoas, estejam unidos por um igual afeto, por um pensamento idêntico e por uma santidade mútua, a fim de que, seguindo a Jesus Cristo, princípio da vida, se tornem, nas alegrias e nos sacrifícios de sua vocação, por seu amor fiel, testemunhas daquele mistério de amor que o Senhor revelou ao mundo por sua morte e ressurreição. 18 ■

sexualidade, linguagem do amor

O documento do Vaticano sobre "Ética Sexual" deu ao tema uma atualidade controvertida e especial. Sempre, e agora de modo particular, é necessária uma reflexão serena, profunda, documentada e com os pés fincados na terra, a respeito dos problemas humanos. Parece-nos que essas características se encontram reunidas em artigos de Miguel Benzo. Por isso transcrevemos aqui, alguns trechos de um deles.

O SENTIDO DA SEXUALIDADE

Miguel Benzo

Parece a muitos adolescentes que o mais importante na vida é satisfazer de modo adequado e completo, o instinto sexual. Mais tarde, o adulto aprende que muito mais importante e decisivo ainda é resolver o problema da solidão humana, é encontrar afetos verdadeiros e profundos. E que, para isto, a relação sexual não é mais que um caminho entre outros. Em outras palavras, o homem descobre, quando amadurece, que a sexualidade é uma das linguagens do amor e que, como ocorre com o idioma, se a expressão é valiosa, muito mais o é a mensagem que ela transmite. É verdade que assumir o instinto tornando-o transparente ao plano da linguagem é um duro e difícil processo, pois o instinto tem sua dinâmica biológica própria. Mas a sexualidade só alcança seu sentido e sua plenitude quando compreendida e aceita no nível da comunicação. Por isso, sem dúvida, a narração do Gênesis vincula a criação da mulher à solidão do homem: "Disse Deus: não é bom que o homem esteja só". ▶

educar na fé : missão da família

Paradoxo aparente

Afirma-se hoje, com frequência, ser a família uma comunidade educadora na fé. Essa afirmação entretanto nos causa preocupação, pois, até recentemente, educar na fé era uma missão especializada: incumbência entregue a pessoas gabaritadas, de formação superior e com estrutura cultural, filosófica e teológica. A família, como comunidade, tinha muito pouco que ver com essa educação que outros ministravam. Competia aos pais e ao grupo familiar não atrapalhar, ensinar orações e regras de boa conduta, zelar pela frequência aos atos religiosos e pela vida sacramental dos filhos; isso era considerado base catequética suficiente. Estará a família preparada para assumir essa missão mais abrangente que hoje lhe é atribuída?

O que se verifica, na verdade, é que hoje, mais do que nunca, os pais experimentam dificuldades em transmitir aos filhos, os valores que nortearam sua vida e, sobretudo, sua vida cristã, embora haja boa vontade e desejo de dialogar, de ambas as partes.

Que estará acontecendo para que, justamente nesse momento e nessas circunstâncias, proclame Paulo VI a missão evangelizadora da família?

"No seio da família que tem consciência desta missão, todos os membros da mesma família evangelizam e são evangelizados".

"Os pais não somente comunicam aos filhos o Evangelho, mas podem receber deles o mesmo Evangelho profundamente vivido".

"Como Igreja doméstica" na família deveriam encontrar-se os diversos aspectos da Igreja inteira — ou seja — "a família como a Igreja, tem, por dever, ser um espaço onde o Evangelho é transmitido e donde o Evangelho irradia".

De que família se trata aqui?

De nossa família ou de um tipo ideal de família — tão ideal que chegamos a duvidar de sua existência?

ALGUMAS DIFICULDADES

Apontemos em primeiro lugar, a dificuldade referente ao diálogo entre gerações, causada pelo acelerado processo de mudança que constitui, atualmente, o ambiente normal em que todos vivemos; e, ainda pelo fato de terem sido os pais atuais, catequisados dentro de um esquema de pensamento dualista e conceptual onde os valores celestes estão contrapostos aos valores terrestres, esvaziando a importância destes últimos.

Por outro lado, os jovens vivem influenciados por um esquema de vida não menos dualista, marcado pela exagerada importância dada aos valores terrestres que tendem a expulsar de cena os valores celestes.

Como fruto da diferença de perspectiva dualista em que se mantêm os pais e os filhos, surgem, em ambos, comportamentos que se repelem, o que dificulta muito a mútua evangelização.

Outra dificuldade que se apresenta: existem e coexistem hoje, na mesma cidade e muitas vezes no mesmo bairro ou no mesmo edifício, vários tipos ou estilos de vida familiar, todos eles aceitos pacificamente pela sociedade que nesse como em outros pontos, se tornou permissiva.

Isto faz com que a família dita cristã seja considerada, por muitos, como um dos estilos de vivência do grupo familiar, perdido no meio de outros, sem maior expressividade. É claro que essa realidade gera problemas novos para a missão evangelizadora da família. Considere-se por exemplo, a variedade de de- ▶

sujeitos e limitações que sofrem as chamadas "famílias incompletas". Dentro desta categoria podem situar-se, e muitas vezes se situam as próprias famílias cristãs, devidamente institucionalizadas, tanto eclesiástica quanto civilmente, carentes, porém, em seus membros, de um vivencial e leal relacionamento de amor. Não vamos insistir aqui a respeito de outros tipos de famílias incompletas. Queremos lembrar apenas que, entre esses tipos de famílias incompletas existem alguns em que limitações ainda hoje insuperadas impedem, no momento, àqueles que são por elas responsáveis assumir, dentro de sua comunidade de vida, uma vivência sacramental ou legal normal. Referimo-nos aqui às famílias formadas por novas uniões entre desquitados ou separados.

Mais um problema que se apresenta: a coexistência, nas grandes cidades, de vários tipos culturais de família como, por exemplo, famílias de classe burguesa convivendo com famílias operárias ou camponesas, geralmente famílias que deixaram seu próprio ambiente em busca de trabalho mais rendoso e de melhores condições de vida. Embora vivendo no ambiente urbano, essas famílias conservam, quase sempre em deterioração, sua própria mentalidade e sua religiosidade popular, diferentes, em muitos aspectos do catolicismo oficial da Igreja.

Os problemas detectados justificam a perplexidade com que se defrontam as famílias ao serem consideradas como comunidades educadoras na fé.

O DIÁLOGO ENTRE GERAÇÕES

A dificuldade encontrada pelos pais, por exemplo, na transmissão da verdade evangélica nos induz à dedução de que, para ser realmente educadora na fé, qualquer tipo de família, hoje principalmente, "tem necessidade de ser evan-

gelizada", isto é, "tem necessidade de ouvir, sem cessar, aquilo em que deve acreditar, as razões de sua esperança e o mandamento novo do amor".

Essa evangelização permanente das famílias é muito importante, pois o eixo central da educação na fé consiste em "transmitir com inteira fidelidade, uma mensagem da qual não somos os senhores"; e em transmití-las de modo que aquelas a quem ela é destinada, a possam encarnar na sua própria vida, de modo criativo e pessoal.

Aparece então o primeiro desafio: sem modificar a mensagem evangélica, sem diminuir a radicalidade de suas exigências, cada família terá que repensá-la e situá-la numa perspectiva de encarnação, tomando em consideração tanto as realidades terrestres, em sua legítima autonomia e em sua riqueza fundamental, quanto os valores evangélicos que deverão ser encarnados nessa realidade terrestre. Esta não é uma tarefa fácil, pois tal mudança de perspectiva valoriza ângulos até então conservados na sombra, deixando, por sua vez, na penumbra, ângulos até aqui apresentados em primeiro plano, por força da secular influência dualista. Será necessário ainda, por isso mesmo, que cada família repense e reformule seus conceitos e a vida deles decorrente, ressituando ambos dentro de uma nova perspectiva que será fonte de novas e diferentes exigências de comportamento.

Sendo feita em comum, no seio da família, essa revisão já será um começo de mútua evangelização; será a transmissão, de pessoa a pessoa, da experiência de fé, das buscas e perplexidades de cada um e dos novos caminhos que sob a moção do Espírito Santo, vão aparecendo com novas respostas às radicais exigências evangélicas.

Assim, dentro da dinâmica normal do relacionamento familiar, a Boa Nova será proclamada pelo testemunho de vida e pela palavra explicitadora sobre a mensagem e as exigências evangélicas, válidas para o homem de hoje como para o homem de todos os tempos.

Esse "evangelizar-se" a que se submete o próprio grupo familiar, torna-o mais apto a evangelizar não apenas seus próprios membros, mas ainda a evangelizar as outras famílias e a própria sociedade na qual está inserido tornando-os não apenas mais conscientes das exigências evangélicas como mais capazes de serem fiéis às pessoas ou comunidades que por ele serão evangelizadas.

AS FAMÍLIAS INCOMPLETAS

Chegamos, assim, a análise do segundo desafio: a existência das "famílias incompletas". Embora algumas dessas famílias não possam, no momento, viver a plenitude da vida sacramental deverão, também elas, serem evangelizadas e tornarem-se evangelizadoras. Com efeito, as exigências evangélicas não se confundem com normas ou exigências morais, mas são metas ou ideais que devem nortear nossas vidas, orientando-as cada vez mais e de modo sempre mais exigente, para a participação consciente no plano da salvação.

O convívio e o diálogo entre os vários tipos de família será enriquecedor para cada uma delas, levando-as a descobrir perspectivas mais amplas, realizações vivenciais diferentes das mesmas exigências fundamentais, modos diferentes de se superar em dificuldades e limitações comuns.

OS DIFERENTES TIPOS DE FAMÍLIAS

Quanto ao problema da coexistência de famílias de vários tipos culturais com a conseqüente diferença de perspectiva religiosa, parece-nos que, se a religiosidade popular tem suas limitações, também as tem a religiosidade burguesa. É verdade que a religiosidade popular é em geral, muito influenciada pela superstição e permanece, muitas vezes, apenas em um nível de manifestações de culto, sem expressar ou determinar uma verdadeira adesão de fé. Tem ela, no entanto, grandes aspectos positivos que questionam nosso cristianismo burguês: a verdadeira busca do Senhor, o apurado sentido da paternidade de Deus, de sua providência e de sua presença amorosa e constante, a paciência na aceitação da vida e dos outros, a grande generosidade, e tantos outros valores.

A coexistência e o convívio de famílias de meios culturais e sociais diferentes permite a todas elas questionarem-se, revisarem suas próprias perspectivas de fé, seus próprios compromissos vivenciais e a se evangelizarem mutuamente, purificando-se de condicionamentos culturais que muitas vezes as aprisionam fora dos apelos da mensagem evangélica.

UMA CONDIÇÃO ESSENCIAL

E isto porque a "obra de evangelização pressupõe no evangelizador um amor fraterno sempre crescente para com aqueles a quem evangeliza". Supõe "respeito pela situação religiosa e espiritual das pessoas (e das famílias, acrescentamos nós) a quem se evangeliza: respeito pelo seu ritmo que não se tem o direito de forçar para além da justa medida; respeito pela sua consciência e pelas suas convicções".

Essas considerações nos mostram que só será realmente educadora na fé a família que for capaz de viver um verdadeiro interrelacionamento de amor, dentro e fora do âmbito familiar. ■

fé adulta ou infantilismo religioso?

Pe. Afonso Garcia

As pessoas que se engajam em movimentos de leigos, de Igreja, geralmente buscam experiências e conhecimentos que levem ao amadurecimento de sua fé cristã.

Os movimentos pretendem fornecer pistas para que esse objetivo seja atingido. E muito se tem conseguido, sem dúvida.

Mas, não poucas vezes, se observa que os resultados de algumas experiências, tem sido bastante limitados. Muitas pessoas, muitos casais, sentem que falta a desejada solidez à sua fé cristã.

É uma fé incapaz de responder aos novos questionamentos que a vida e a situação atual suscitam. De maneira mais concreta, observa-se que muitos pais cristãos, que desejam viver com sinceridade o seu cristianismo, não sabem como expressar e tornar significativa essa fé para os próprios filhos.

É claro que os movimentos — em especial os que atingem direta ou indiretamente as famílias — tem obrigação de enfrentar com profundidade essa dificuldade tão real e angustiante.

Alguns pontos para uma reflexão sobre o grau de amadurecimento da fé convidariam, por certo, a uma revisão individual ou comunitária, através do diálogo do casal, das reuniões de grupos e equipes ou dos encontros que os movimentos incentivam.

PESSOA IMATURA E RELIGIOSIDADE INFANTIL

Todos sabemos distinguir a pessoa adulta, amadurecida, da pessoa ainda predominantemente infantil, não amadurecida.

A pessoa não amadurecida,

- não é ela mesma;
- não é capaz de pensar por si mesma; o seu pensamento é apenas cópia do pensamento dos outros;
- não tem critérios próprios;
- falta a consciência crítica pessoal;
- não sabe escolher com um mínimo de liberdade e, assim, não é responsável;
- não é capaz de amar;
- é prisioneira do medo, de "tabus", de coisas que dão azar, má sorte ou boa sorte, e de toda sorte de superstições.

As pessoas nas quais predominam estas características não são ainda amadurecidas. Evidentemente podemos acrescentar outras características. Trata-se apenas de exempios. E não esqueçamos que a idade cronológica adulta ou o êxito financeiro nem sempre estão acompanhados do correspondente amadurecimento da pessoa.

Ora, acontece que a pessoa que não é psicologicamente amadurecida, tampouco é amadurecida na sua fé religiosa. Existe um íntimo paralelismo entre o infantilismo psicológico e o infantilismo religioso. Para nós é de suma importância caracterizar bem o que seja o infantilismo religioso, pois estamos tentando revisar nossa fé. Seguindo a perspectiva bíblica — concretamente, a linha profética do Antigo Testamento, assumida e enriquecida por Jesus Cristo — , podemos sublinhar sobretudo os seguintes pontos:

a) A pessoa é ainda infantil na sua fé quando fica prisioneira de objetos ou pessoas fora de Deus: idolatria (Is, 44,9-20). Note-se como a idolatria não só falsifica a relação com Deus, mas também aliena e degrada o homem, porque adora coisas ou seres inferiores a ele. O homem escraviza-se, dando valor absoluto ao que é relativo. É próprio de uma religiosidade infantil viver a fé em termos de escravidão, e não de libertação.

b) Outra forma muito frequente de religiosidade não amadurecida é a ma-

SÁTIRA DOS ADORADORES DOS ÍDOLOS
Isaías, 44

9 Os fabricantes de ídolos nada são e suas preciosas obras nada valem; para confusão deles, suas testemunhas não sabem ver nem compreender.* 10 Aquele que quer modelar um deus, funde uma estátua que não servirá para nada. 11 Seus fiéis ficarão decepcionados e seus operários são apenas homens. Que todos se congreguem e compareçam. Ficarão assustados e decepcionados.

12 O ferreiro manipula o formão e trabalha no forno; talha o ídolo com golpes de martelo; modela-o com mão rigorosa; mas tem fome, sente-se esgotado, tem sêde, está extenuado.

13 O escultor em madeira estica o cordel, traça o esquema a lápis, desbasta a imagem com o cinzel, mede-a com o compasso, dá-lhe forma humana, fá-la um belo tipo de homem, para colocá-la numa casa. 14 Vai cortar madeira, apanha um roble ou um carvalho que tinham deixado crescer entre as árvores da floresta que o Senhor havia plantado, e que a chuva havia feito crescer.* 15 Depois faz com a madeira um fogo, e leva-a para se aquecer; queima-a também para cozer o pão; enfim serve-se dela para fabricar um ídolo diante do qual se prosterna. 16 Queima a metade de sua madeira, sôbre a brasa assa a carne, come esse assado até fartar-se. Então aquece-se e diz: "Como é bom sentir o calor e admirar a chama!" 17 Com a sobra faz um deus, um ídolo diante do qual se prostra para adorá-lo e orar dizendo: "Salva-me, tu és meu deus" 18 Falta bom senso e juízo a essa gente; tem os olhos tão fechados que não vêem, seus corações não podem compreender. 19 Ninguém reflete nem tem bom senso e inteligência para se dizer: "Queimei metade, cozi pão sobre a brasa, assei a carne que comi e iria eu fazer do resto um ídolo miserável? Prostar-me-ia diante de um pedaço de madeira? " 20 Este homem se nutre de cinzas, seu coração desabusado o desencaminha, ele não consegue salvar-se nem dizer: "Não será um lôgro o que tenho nas mãos? "

gia, aqui entendida quando a relação com o divino é vivida predominantemente em termos de comercialização, de utilização e de maneira jurídica (contrato bilateral: "ofereço-te isto para que me dês algo equivalente").

É uma relação puramente interesseira. A pessoa afirma ter muita fé em Deus, enquanto este fizer tudo o que ela quer. Pretende-se fazer barganha com Deus e com os Santos, comprando os favores divinos. Exige-se dele pagamento pelo bom comportamento, e assim por diante. Deus não é respeitado como Deus, transformado em instrumento isso sim, ao nosso serviço.

c) É infantil a religiosidade concreta quando está separada do compromisso pela justiça e pelo amor. No culto, nos atos litúrgicos, a pessoa, manifesta muita fé e aceitação de Deus, mas no cotidiano a sua vida é praticamente a mesma que as das pessoas que não tem fé. Quer dizer, trata-se de uma fé que não compromete no dia a dia. Não compromete no esforço para que exista mais justiça e não compromete com o amor efetivo e prático. (Is - 1,10-20 e 58,1-8). Os dois textos são extremamente claros e bastante duros. Deus não aceita "atos religiosos" separados do compromisso pela justiça e pelo amor. Tais atos não passariam de hipocrisia. O profeta certamente não nega o valor que sem dúvida tem o ato de culto, mas denuncia, energicamente a hipocrisia de um culto que não implica compromisso ético com a justiça e o amor.

Importa muito rever as nossas atitudes religiosas a fim de podermos perceber até que ponto estamos ainda prisioneiros de uma religiosidade infantil. Não será por este motivo que funciona deficientemente a transmissão da fé aos nossos filhos?

PESSOA AMADURECIDA E FÉ ADULTA

Sabemos que uma pessoa é já amadurecida, quando,

- procura ser ela mesma;
- tem pensamento e critérios próprios;
- possui um mínimo de consciência crítica;
- sabe escolher com responsabilidade;
- é capaz de amar efetivamente.

Como é natural, a pessoa que começa a ser amadurecida tende a ser bem crítica em relação à fé infantil .Tem necessidade de amadurecer também na fé. Se o amadurecimento na fé não acompanha o amadurecimento pessoal global, a crise de fé será inevitável. A fé infantil é inaceitável por uma pessoa adulta. Se esta não encontra comunidades cristãs que vivem a fé adulta, tenderá a considerar o cristianismo uma realidade superada, ficará indiferente ou tenderá para o ateísmo.

A vivência da fé adulta, simultaneamente dom de Deus e resposta do homem, sempre numa perspectiva bíblica, implica em,

- respeito a Deus (rejeição da comercialização);
- relação pessoal-dialogal (não mágica);
- disponibilidade (sou eu quem deve estar aberto ao desígnio de Deus e não o contrário);
- vivência concreta da justiça e do amor efetivo.

ALGUNS FATORES DA ATUAL CRISE DE FÉ

1. A exposição anterior, mesmo sendo muito esquemática, aponta já um problema básico que explica parcialmente o porque da crise, sobretudo entre os jovens. Com efeito o infantilismo religioso de muitos cristãos é uma das causas do indiferentismo de não poucos jovens. O rapaz ou a moça que começam a ser adultos não aceitam esse infantilismo. Frequentemente, é assim infantil o cristianismo vivido na própria família, no colégio religioso, na paróquia. . .
2. O progresso científico-técnico vai eliminando a visão antiga, do mundo, na qual o cristianismo foi vivido e expressado. Esta visão do mundo tinha uma linguagem própria. O cristianismo durante quase dois milênios foi expressado e comunicado mediante essa linguagem. Com o aparecimento da ciência moderna vai-se formando uma nova visão do mundo e, consequentemente, uma nova linguagem. As pessoas que pensam e falam na linguagem do mundo científico moderno, não compreendem mais a linguagem que falam os cristãos, se esta pertence ainda ao mundo antigo. A necessidade de falar e comunicar o cristianismo na linguagem da nova visão do mundo propiciada pela ciência, e cultura modernas, é cada vez mais urgente. A linguagem que os pais, empregam, para falar da própria fé, frequentemente não é compreendida pelos filhos. O problema da comunicação **significativa** da fé é hoje particularmente agudo.
3. É crescente o pluralismo da nossa sociedade, ao menos em relação à religião. Perdeu-se a antiga unidade católica. Quando todos éramos católicos no Brasil, a fé pessoal talvez não precisasse ser tão cuidada. Com a realidade do pluralismo atual, é indispensável caminhar para uma fé realmente assumida, vivida com convicção. O católico recebe a influência das religiões orientais, o forte atrativo do espiritismo, o impacto da forte presença das seitas pente- ▶

OS SACRIFÍCIOS HIPÓCRITAS
Isaías, 1

10 Ouvi a palavra do Senhor, príncipes de Sodoma; escutai a lição de nosso Deus, povo de Gomorra:

11 "De que me serve a mim a multidão das vossas vítimas? diz o Senhor.
Já estou farto de holocaustos de cordeiros e da gordura de novilhos cevados.
Eu não quero sangue de touros e de bodes,

12 quando vindes apresentar-vos diante de mim,
quem reclamou isso de vós?
Deixai de pisar em meus átrios.

13 De nada serve trazer oferendas;
tenho horror da fumaça (dos sacrifícios).
As luas novas, os sábados, as reuniões de culto,
não posso suportar a presença do crime na festa religiosa.

14 Eu abomino as vossas luas novas e as vossas festas;
elas me são molestas, estou cansado delas.

15 Quando estendeis vossas mãos, eu desvio de vós os meus olhos;
quando multiplicais vossas preces, não as ouço.
Vossas mãos estão cheias de sangue, 16
lavai-vos, purificai-vos.
Tirai vossas más ações de diante de meus olhos.

17 Cessai de fazer o mal, aprendei a fazer o bem.
Respeitai o direito, protegei o oprimido;
fazei justiça ao órfão, defendei a viúva.

18 "Pois bem, justifiquemo-nos, diz o Senhor.
Se vossos pecados forem escarlates, tornar-se-ão brancos como a neve.
Se forem vermelhos como a púrpura, ficarão brancos como a lã.

19 Se fordes dóceis e obedientes,
provareis os melhores frutos da terra;

20 se recusardes e vos revoltardes,
provareis a espada".
É a bôca do Senhor que o declara.

costais, o testemunho de fé das igrejas protestantes. Convive com indiferentes e ateus, ouve duras críticas dirigidas à Igreja Católica. . . O católico tem necessidade de ser adulto na fé, no meio dessa pluralidade de opções religiosas a arreligiosas. E com tristeza devemos reconhecer que frequentemente não temos amadurecimento suficiente para dar razão da nossa própria fé, para comunicar aos outros porquê somos católicos. E os filhos, percebem essa nossa incapacidade, é claro.

4. A crise de fé tem surgido também por causa da maneira deturpada de apresentarmos Deus e de viver a relação com Ele. Fabricamos "deuses" à nossa imagem e semelhança, substituindo por esses "deuses" o Deus Libertador do Êxodo, o Deus Criador, o Deus dos Profetas, o Deus revelado em Cristo e mediante Cristo. Inventamos o deus "tapa-buraco" o deus "quebra-galho", o deus "babá" o deus "tirano" o deus "policial", o deus que nos mantém na passividade e na alienação, e tantos outros tipos de deuses. A pouca fidelidade ao Deus cristão é, sem dúvida, outra causa do afastamento da fé experimentado por não poucas pessoas. Deus, para muitos, acabou sendo, assim, uma mera realidade inventada pelo homem, projeção das necessidades e desejos do ser humano e da sociedade. O conceito deturpado de Deus é a porta aberta para o ateísmo.

A este respeito, surgem perguntas muito inquietantes: o Deus que nós cultuamos, é o mesmo Deus revelado no Antigo Testamento e sobretudo mediante Jesus Cristo? que critérios podemos ter para saber até que ponto somos fiéis ou infiéis ao Deus Bíblico?

A CRISE DA FÉ QUESTIONA OS MOVIMENTOS

Estes quatro fatores são apresentados aqui apenas como exemplo. São exemplos que interpelam movimentos de leigos e devem levar a uma revisão, de métodos. Certamente, a enumeração não é completa. São suficientes, porém, para levar à conclusão de que é urgentemente necessário aprofundar e amadurecer a nossa fé cristã. Está na hora de acabar com a superficialidade e com os meros palpites em matéria de vivência da fé cristã e adulta. É verdade que o seu amadurecimento realiza-se na vida concreta de amor a Deus e ao próximo. Mas o amadurecimento da vivência exige o aprofundamento do nosso conhecimento do cristianismo. Conhecimento a serviço da vida, nunca separado dela, evidentemente.

É muito importante sublinhar que tudo quanto se refere à Fé, deve ser entendido de maneira **integrada,** nunca de maneira **dualista.** A fé cristã nada tem a ver com fuga da história e dos seus compromissos concretos. A fé de que tratamos aqui vive-se no coração mesmo da história cotidiana, das nossas vidas no **aqui e agora** do nosso tempo e do nosso mundo.

O VERDADEIRO JEJUM
Isaías, 58

1 Clama em alta voz, sem constrangimento;
faze soar tua voz como a corneta.
Denuncia a meu povo suas faltas,
e à casa de Jacó seus pecados.*

2 Sem dúvida eles me procuram dia após dia,
desejam conhecer o comportamento que me agrada,
como uma nação que houvesse sempre praticado a justiça,
sem abandonar a lei de seu Deus.
Informam-se junto a mim sobre as exigências da justiça,
desejam a presença de Deus.

3 "De que serve jejuar, se disso não vos importais?
E mortificar-nos, se nisso não prestais atenção? "
É que no dia de vosso jejum, só cuidais de vossos negócios.
e oprimis todos os vossos operários.*

4 Passais vosso jejum em disputas e em altercações,
ferindo com o punho o pobre.
Não é jejuando assim
que fareis chegar lá em cima vossa voz.*

5 O jejum que me agrada
porventura consiste em o homem mortificar-se por um dia?
Curvar a cabeça como um junco,
deitar sobre o saco e a cinza?
Podeis chamar isto um jejum,
um dia agradável ao Senhor?

6 Sabeis qual é o jejum que eu aprecio? diz o Senhor Deus:
É romper as cadeias injustas,
desatar as cordas do jugo,
mandar embora livres os oprimidos,
e quebrar toda espécie de jugo.

7 É repartir seu alimento com o esfaimado,
dar abrigo aos infelizes sem asilo,
vestir os maltrapilhos,
em lugar de desviar-se de seu semelhante.

8 Então tua luz surgirá como a aurora,
e tuas feridas não tardarão a cicatrizar-se;
tua justiça caminhará diante de ti,
e a glória do Senhor seguirá a tua retaguarda.

■

feminismo ou promoção?

Eustáquio Gallejones

masculino - feminino

A raça humana é uma raça de animais. Peço ao leitor que não se assuste. Emprego o termo "animal" sem segundas intenções. Pertencemos ao reino animal e dentro dele à espécie dos mamíferos. Como os outros mamíferos, também nós somos bissexuados, isto é, dividimo-nos em machos e fêmeas. "Masculum et feminam criavit eos", diz a Escritura. Não nos agrada usar os nomes de macho e fêmea quando nos referimos a seres humanos e preferimos os de homem e mulher. Não há inconveniente nisto, mas é preciso não esquecermos que homem e mulher não são sinônimos de macho e fêmea. Todo homem é macho e toda mulher fêmea, mas o inverso não é necessariamente verdadeiro.

Masculinidade e feminidade (entendidas estas palavras em seu significado puramente etimológico) são atributos biológicos, enquanto que hominidade e mulieridade (seja-me permitido o uso destes neologismos) são características sociais. No uso cotidiano da linguagem não fazemos esta distinção mas ela está implícita em algumas expressões. Dizemos, por exemplo, referindo-nos a uma pessoa irresponsável, caprichosa e inconstante: "Fulano é uma criança". Fulano pode estar com quarenta anos, mas seu comportamento é tal que nos impede considerá-lo "homem". De igual forma nos referimos a uma menina precoce dizendo que "Inezinha é uma verdadeira mulher". Não teria sentido a frase "Inezinha é uma verdadeira fêmea" a não ser que quiséssemos afirmar o óbvio já que com três, oito, dez ou vinte anos Inezinha apresenta todas as características biológicas que fazem dela uma fêmea. O que nos admira é que, com dez anos, Inezinha pense, fale e se comporte como uma mulher. Existe, portanto, uma diferença facilmente detectável entre os significados das palavras macho e homem por um lado e de fêmea e mulher por outra.

A masculinidade e a feminidade (de novo entendidas em seu significado estritamente etimológico) são atributos naturais. Nascemos machos e fêmeas. A condição de homem e de mulher é resultado de um processo de socialização. A natureza nos faz machos e fêmeas, a sociedade nos transforma em homens e mulheres. Poderíamos dizer que o momento simbólico em que Adão começou a ser homem foi aquele em que colocou uma folha de parreira para cobrir seus atributos de macho.

a sociedade encomenda funções ao homem e à mulher.

O comportamento humano pode ser dividido em natural e aprendido. A respiração é natural, a linguagem é aprendida. Tudo aquilo que é aprendido é também de origem social. Tudo aquilo que é natural, reflexo ou "instintivo" é de origem genética.

Tomemos como exemplo a linguagem. O ser humano nasce com a capacidade de falar. Trata-se de uma característica inata própria dos seres humanos. Mas uma coisa é poder falar e outra vir a falar. Para que um ser humano possa vir a falar, para que possa se realizar como ser "falante", é preciso que ouça outros falando. Estes "outros" são os intermediários da sociedade ensinando a criança a falar. É por isto que existem tantas linguagens e tão diferentes. Cada sociedade e cada grupo tem a sua que transmite, por socialização, a seus membros. Aquilo que não é aprendido, aquilo que aparece espontaneamente e tem caráter genético, é igual em todos os seres humanos. A função típica do macho — impregnar e fecundar a fêmea — é a mesma e se realiza de idêntica maneira em todos os lugares, em todos os tempos, por todos os machos.

O próprio fato de podermos falar em "função típica" do macho é muito

significativo. O que é da natureza é fixo, definido, sem ambiguidades. Mas qual é a "função típica" do homem enquanto homem (não enquanto macho)? Nenhuma ou, se quisermos, todas. Todas as que a sociedade quiser encomendar-lhe desde que para exercê-las tenha as devidas condições físicas. O homem pode ser pai, guerreiro, sacerdote, ilustrado ou ignorante, promotor da justiça ou agente de iniquidade. Pode desempenhar inúmeros papéis, inclusive contraditórios, sem deixar de ser homem.

o mundo inteiro é um palco. . .

Eis que, finalmente, apareceu a palavra "papel". Trata-se de uma palavra que entrou a formar parte do vocabulário do povo pelos caminhos do teatro. No teatro os atores e as atrizes representam "papéis". Ora, "o mundo inteiro é um palco", como dissera Shakeaspeare que de teatro sabia muito e podia apreciar um bom espetáculo onde quer que ele aparecesse. Se o mundo inteiro é um palco, todos nós somos atores e todos representamos papéis. Mais tarde os sociologos incluiriam o termo no seu vocabulário definindo-o como uma **forma estruturada de comportamento socialmente aceito que corresponde a uma função concreta dentro de um grupo.** De acordo com esta definição, ser advogado, médico, sacerdote, militar, pedreiro, secretária ou amante, é representar um papel: o papel de advogado, médico, etc.

Pelo fato das palavras "representar" e "papel" terem sido um empréstimo de Talía, musa do teatro, não devem ser usadas nem entendidas como significando hipocrisia, falsidade ou dolo. "Representar" equivale a "ser". Somos o que representamos ser. A nossa identidade se faz concreta e real nos papéis que representamos. Por isso quando digo que eu "represento" o papel de homem e você, amável leitora, o de mulher, não quero nem ofender-me nem ofendê-la. Estou apenas chamando a atenção para o fato de que ser homem e ser mulher são formas estruturadas de comportamento socialmente aceitas que tanto você como eu aprendemos pelo processo de socialização de que acima falei. Por serem papéis e por terem origem social nada impede que sejam modificados e de fato tanto os de homem e mulher quanto os outros que os seres humanos representam estão em evolução constante como as próprias sociedades de que fazem parte.

Mas hoje há um fortíssimo movimento feminista exigindo uma transformação radical no papel de mulher. Querem inventar uma mulher nova, essencialmente diferente daquela com quem estamos acostumados a dialogar. Todo esforço criador merece os nossos aplausos. Resta saber se o projeto de mulher que as feministas apresentam é viável e é o melhor.

o que pretendem os movimentos feministas.

As líderes intelectuais do movimento feminista (Simone de Beauvoir, Kate Millett, Germaine Greer, etc.) partem do princípio de que o ser humano é quase que ilimitadamente maleável. Com interesse, um pouco de esforço e outro pouco de técnica pode-se fazer qualquer coisa dele sobretudo se se começa o trabalho nos primeiros anos. Os experimentos de Pavlov e de Skinner, para citar apenas dois expoentes da psicologia, corroboram esse presuposto.

É preciso, porém, dar o devido valor ao advérbio "quase", empregado quando dizemos que o homem é maleável. Com os métodos de condicionamento, clássico ou operante, conseguem-se resultados surpreendentes tanto em animais quanto em seres humanos, mas não se consegue tudo e nem tudo o que se poderia conseguir vale a pena ser tentado. Pode-se, por exemplo, instilar numa menina o horror à maternidade, mas seria isso o certo? Seria o melhor, falando em termos tanto individuais quanto sociais, socializarmos as mulheres contra a maternidade?

É de propósito que escolhí o exemplo da maternidade. Pode-se discutir indefinidamente sobre qual deve ou não deve ser o papel da mulher no mundo moderno mas não se pode, penso eu, por em dúvida que o papel de mulher, seja qual for, vai ser representado por seres humanos que são fêmeas e não machos. O fato de serem fêmeas estabelece certos limites aos papéis que esses seres humanos podem representar ou, se se prefere e talvez seja o mais correto, os predispõe ou capacita mais para uns papéis do que para outros. Pelo fato de ter que ser representado por fêmeas, o papel de mulher tem que incorporar, como elemento essencial, a maternidade.

Observe-se, porém, que a maternidade é muito mais do que um ato biológico. É uma condição de ser. É um estado de espírito. Uma condição de ser e um estado de espírito que não são produtos de condicionamentos sociais, como afirmam os movimentos feministas, mas o termo final de um processo natural que se inicia na biologia e termina na psicologia. Tradicionalmente o papel de mulher se caracterizou, em quase todas as sociedades, pela importância nele dada a qualidades como doçura, sentimentalidade, paciência, dedicação, fidelidade, espírito de sacrifício que constituem o que poderiamos denominar o síndrome ou complexo de maternidade. Enganam-se, porém, as ideólogas do feminismo quando atribuem a mero condicionamento social a inegável "queda" maternal que se observa em todas as mulheres normais. Neste caso as sociedades apenas reforçaram uma tendência que tem suas origens nos próprios genes femininos. O bom senso deveria

levar-nos a esta conclusão. Mas se o bom senso não chega, existem por aí inúmeros estudos rigorosamente científicos que confirmam o que estou dizendo.

Para evitar mal-entendidos apresso-me a dizer que não estou insinuando que seja na maternidade **física** que a mulher se realiza plenamente. Não é a imagem da fêmea rodeada de uma dúzia de crias a que aqui estou pretendendo evocar. Lembre o leitor a advertência que fiz, há um instante, de que a maternidade não se identifica com o ato biológico de gerar e dar a luz. Há uma relação entre este e aquela, mas não se trata de uma relação absolutamente necessária. A Madre Teresa, de Calcutá,

nos oferece o mais sublime exemplo de maternidade, sem ter nunca levado um filho em seu ventre. Condicionamentos diversos parecem impor limites à maternidade física no mundo de hoje, mas esses mesmos condicionamentos e outros vários exigem, ao meu ver, que se reforce mais a maternidade espiritual aquela maternidade que, como eu disse, é uma condição de ser na mulher. Lamentavelmente não é nessa direção que os novos ventos culturais e os movimentos feministas nos estão levando.

a tendência maternal da mulher

Faz algum tempo tive a infelicidade de ler as seguintes palavras escritas por uma mulher liberacionista chamada Shulamith Firestone (**The Dialectic of Sex: the case for feminist revolution**):

A gravidez "é uma coisa de bárbaros", é "a deformação do corpo de uma pessoa para o bem da espécie" que culmina "na defecação de uma abóbora". "É da maior urgência que sejam encontrados métodos artificiais para a produção de seres humanos ou, então, que se inventem recompensas altamente gratificantes para que as mulheres possam encarar a maternidade como algo que vale a pena".

Quando lemos coisas como estas (abundantes nos os escritos das mulheres liberacionistas) sentimo-nos tentados a renunciar definitivamente à leitura, renegar ao convivio social e correr para a selva na esperança de encontrar paz, razão e poesia na intimidade com as feras.

Aqueles mesmos estudos que, como antes disse, evidençiam a existência de uma tendência maternal na natureza biológica da mulher, demonstram, também, que o homem (o macho) nasce com certa inclinação para o lado da agressividade, da violência e da anarquia. Aliás, esses estudos não fazem outra coisa, que corroborar o que qualquer professora de jardim de infância e qualquer mãe com experiência de criar filhos homens e mulheres perfeitamente sabem. Por constituição física o varão está feito para a conquista, o domínio e a luta. E o mundo que eles construiriam, se a sua agressividade e anarquia não fossem controladas, seria um mundo de antagonismos e rivalidades. Um mundo perigoso e freqüentemente fratricida, em que Caim levaria vantagem. Quantos crimes e quantas guerras não terão sido evitadas porque, num momento de lucidez quando a tempestade de paixões turvava seu espírito, os homens pensaram em suas mulheres e em seus filhos!

Que a mulher queira se instruir, que deseje se profissionalizar, que aspire a tomar parte ativa e direta nos processos sociais, políticos, culturais, econômicos, religiosos e demais, é sumamente louvável. A sociedade só terá a lucrar com isto. Mas que não renuncie à sua feminidade. Que não entre a competir com os homens usando as armas deles. As delas são muito mais fortes, porque são as armas do amor. O papel da mulher no mundo moderno, e que nestas páginas se insinua, não é propriamente novo. Foi escrito pelo Criador quando a primeira mulher apareceu, como uma deliciosa surpresa, entre as flores do Paraíso. Com o passar do tempo caiu na rotina, foi deturpado, acabou sendo menosprezado e hoje corre o perigo de ser esquecido. Reconstituir o texto original em toda sua primitiva beleza e vivê-lo com renovada originalidade é o que esperamos da mulher de hoje. Da mulher de sempre.

Amem! ■

paternidade responsável x controle da natalidade

José e Beatriz Reis

Com o reavivamento do interesse de alguns grupos direta ou indiretamente ligados ao assunto, volta à baila, com insistência, o problema do que se convencionou chamar **planejamento familiar**, confundido, algumas vezes, com **paternidade responsável.** O assunto vem sendo ventilado nos meios políticos e econômicos, nos meios culturais, nos programas, inclusive humorísticos dos meios de comunicação social. Vários Ministros do Governo se têm pronunciado a respeito do mesmo, colocando-se a favor do **planejamento familiar,** considerando-o como o meio de se evitar a desintegração da família e a marginalização de menores.

Situam-se, em geral, sob o conceito de **"paternidade responsável"** aspectos a ele estranhos e que o parcializam e minimizam, em sua perspectiva, em suas exigências e em sua gravidade.

Queiramos ou não, a expressão **"paternidade responsável"** tem uma conotação própria, uma significação precisa; mais abrangente e mais exigente do que a que se costuma explorar — uma significação que não se pode confundir com **"limitação da natalidade"** ou mesmo com **"planejamento familiar".**

Acontece ainda que o problema da explosão demográfica tem sido apresentado ao público como sendo, no momento, **"o"** problema capital e único — problema, que deverá ser solucionado pela limitação dos nascimentos, fruto de um planejamento familiar que se requer seja imposto pelos poderes públicos.

Tudo isto falseia a verdadeira colocação do problema, gerando confusões, e perplexidades nos menos avisados. Propusemo-nos então, por isso mesmo, tentar abordar esse problema, em si complexo e importante, procurando situá-lo em sua perspectiva mais abrangente, colocando-o ao mesmo tempo entre outros problemas igualmente gra-

ves e cruciantes e, portanto, de uma exigência de análise objetiva com vistas à procura de caminhos de solução.

ANALISANDO OS CONDICIONAMENTOS EXISTENTES, FRUTOS DE UMA PROPAGANDA ORGANIZADA

Sem ignorar a gravidade e a veracidade da existência do problema da explosão demográfica gostaríamos de analisar alguns dos chavões que hoje se repetem e que influenciam profundamente a mentalidade popular.

Afirma-se, como se fossem verdades incontestáveis,

- o problema da fome é a consequência do fenômeno da explosão demográfica;
- uma paz duradoura só será possível quando se resolver o problema da explosão demográfica;
- resolvendo-se o impasse criado pelo aceleradíssimo crescimento demográfico, os outros problemas macrosociais desaparecerão por si mesmos.

Se analisarmos essas afirmações com isenção de ânimo poderemos perceber que, antes de ser apenas consequência da explosão demográfica — situando-se como um problema de produção — o problema da fome mundial tem uma origem mais profunda e mais grave.

Situá-lo apenas como consequência do crescimento demográfico é desviá-lo de sua origem verdadeira, é esconder suas causas mais reais ou sejam:

- desigual distribuição de rendas;
- falta ou desorganização de trabalho produtivo, causa do subdesenvolvimento e da dependência econômica e política.

Como essas causas nos levariam fatalmente a analisar e criticar a atual civilização ocidental e os sistemas que a mantêm em funcionamento, existe um interesse fundamental de auto-defesa em evitar que elas se tornem evidentes. O processo político internacional interessado em manter o **status quo** e em evitar mudanças que lhe poderiam ser fatais, ignora ou relativiza as verdadeiras causas do problema, luta contra a possibilidade de uma mudança social absolutizando e enfatizando problemas em si relativos e/ou parciais, como o da explosão demográfica.

Acontece que, mesmo que este problema seja superado em todos os países do mundo, isto não significa que haja paz duradoura; com a persistência do domínio dos países ricos mantendo, pela opressão, o sistema de controle vigente, essa paz está ameaçada constantemente pela possibilidade de revanche dos povos oprimidos.

Eis aqui algumas observações vindas de fontes diversas e que nos fazem pensar:

"A preocupação em reduzir o número dos miseráveis não pode ser um álibi e não é uma alternativa para o combate à miséria. O que engendra a miséria não é tanto a fertilidade dos miseráveis quanto a indignidade social que pode e deve ser corrigida por medidas concretas tendentes a absorver a marginalidade".

Previsões pessimistas sobre a explosão demográfica "não podem servir de pretexto para novas formas de injustiça internacional. Entre essas formas de injustiça devem ser denunciados com vigor o bloqueio do processo de desenvolvimento dos países do Terceiro Mundo e as pressões exercidas sobre seu crescimento populacional, como alternativa para as mudanças sociais inadiáveis". (CNBB — A Igreja, a Questão Demográfica e a Pastoral Familiar).

Afirmou Miguel Osório de Almeida, em Bucarest, em 1974:

"A qualidade da população deverá ser melhorada através de projetos diversos tais como educação, saúde, saneamento, luta contra a pobreza, melhores índices de produtividade, melhor política de emprego, industrialização".

Na mesma ocasião e no mesmo local, afirmava Karam Singh, especialista indiano, no assunto:

"O caminho do planejamento familiar em qualquer país deve passar pela erradicação da pobreza que é, de fato, a principal causa da superpopulação".

Tomando consciência da complexidade do problema que agora nos preocupa, tomamos consciência, igualmente, de sua amplitude e de sua relatividade. É verdade que este é um dos proble-

mas novos, fruto dos novos tempos. Embora se apresente com aspectos peculiares em cada país ou região, é um problema de toda a humanidade. Isto exige que, sem desconhecermos sua dimensão política e macro-social, sejamos capazes de encará-lo também no seu aspecto humano. E entra aqui, então, a importância do que se convencionou chamar, hoje, **"paternidade responsável"**.

RESSITUANDO "PATERNIDADE RESPONSÁVEL" EM SUA VERDADEIRA DIMENSÃO

Uma "paternidade responsável" supõe:

- que os esposos sejam capazes de compreender o problema populacional e de colocá-lo em sua verdadeira perspectiva, através de um processo permanente de conscientização global;
- que sejam capazes de conservar sua liberdade de opção mesmo sob a pressão da propaganda organizada e condicionante;
- que assumam um processo de libertação pessoal e global constante e sempre revisado;
- que revisem constantemente seu comportamento e suas atitudes diante das necessidades de sua vida conjugal e familiar, da situação própria de seu país, e de todos os homens seus irmãos, levando em conta os valores humanos fundamentais;
- que não abdiquem de sua responsabilidade pessoal, conjugal, familiar e social mesmo diante do domínio tecnológico.

Isso supõe a existência de um vasto processo de educação permanente e global que possibilite aos esposos:

- serem capazes de captar as principais dimensões do problema em questão, equacionando-o de acordo com os elementos do atual contexto sócio-político, econômico e cultural;
- serem capazes de recolocá-lo em sua verdadeira dimensão pois reduzí-lo a um de seus aspectos será o mesmo que deixar-se manipular, será o mesmo que trair seu esquema de valores. Essa recolocação do problema em sua verdadeira perspectiva supõe a existência de uma visão global do homem e da humanidade, mesmo sob o influxo dos condicionamentos mais influentes;
- serem capazes de discernir, em diálogo com os irmãos e com todos os homens de boa vontade, as situações locais com suas exigências prioritárias, bem como as ações que deverão ser assumidas para modificá-las ou conservá-las;
- serem capazes de descobrir, na origem dos nossos problemas que surgem como fruto dos tempos novos, as situações nascentes de injustiça e de opressão.

Tem-se a impressão de que esse processo de educação global permanente criará nos esposos uma consciência crítica capaz de analisar e criticar cada novo problema que surge (e não apenas o problema do planejamento familiar) permanecendo fiel à sua vocação de homem, de cidadão e de cristão.

Assumido em todas as suas dimensões e em todas as suas exigências — inclusive em sua dimensão evangélica e nas exigências dela decorrentes — esse processo educativo poderá tornar-se um verdadeiro processo de educação na fé, tornando pessoas capazes de optar por uma paternidade consciente e responsável — paternidade que supõe a luta pela criação de um mundo mais humano, onde cada homem possa ser verdadeiramente homem e cristão.

MISSÃO DAS ORGANIZAÇÕES CRISTÃS E MOVIMENTOS FAMILIARES

A aspiração à igualdade e à participação são consequências justas e normais da valorização da dignidade da pessoa humana.

É verdade que o problema da explosão demográfica, sobretudo nos países em vias de desenvolvimento, exige que os poderes públicos encontrem caminho de soluções para dificuldades quase insuperáveis. No entanto, já dizia João XXIII, na "Mater et Magistra":

"Essas dificuldades não se podem vencer recorrendo a métodos e meios que são indignos do homem e que só encontram sua explicação num conceito estritamente materialista do mesmo homem e da vida. A verdadeira solução encontra-se somente num progresso econômico e social que respeite e fomente os genuinos valores humanos, individuais e sociais".

Paulo VI observa muito bem, na "Octagésima Adveniens":

"Para contrabalançar uma tecnocracia crescente torna-se necessário criar formas de democracia moderna que não somente proporcionem a cada homem a possibilidade de informar-se e de exprimir-se mas que também o levem a comprometer-se numa responsabilidade comum. Deste modo transformar-se-ão os grupos humanos, pouco a pouco, em comunidades de co-participação e vida".

E acrescenta ele ainda:

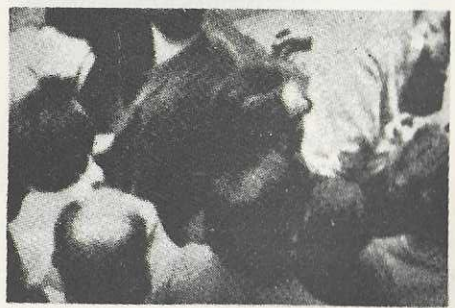
"É neste ponto que também as organizações cristãs sob as suas formas diversas têm igualmente uma responsabilidade de ação coletiva. Sem se substituir às instituições de ordem civil, devem elas refletir, à sua maneira própria, e transcendendo à sua mesma particularidade, sobre as exigências da fé cristã para uma transformação justa e por consequência necessária da sociedade". (O.A.)

É preciso deixar bem claro — e esta será a missão de organizações cristãs que se preocupam com a família, como o Movimento Familiar Cristão, que, para o atual problema demográfico, só existe um caminho válido: a instalação de uma realista e abrangente política familiar que promova "uma sábia educação das populações, que respeite a lei moral e a liberdade dos cidadãos"(H.V.)

É verdade que "distribuir pílulas anti-concepcionais é muito mais cômodo e fácil do que prever e executar planos de saneamento e de educação das populações que precisam crescer, como a brasileira".

Mas distribuir pílulas anti-concepcionais não soluciona o problema do homem, nem o problema da família. E isto porque, sem deixar de ser importante, o problema sexual não é um problema autônomo desvinculado dos problemas globais. A atitude sexual de cada homem depende de seu modo de situar-se na vida, de seu modo de relacionar-se com os irmãos, de seu relacionamento com o Senhor.

Somente quando os homens se sentirem igualmente co-participantes e corresponsáveis pelo destino da comunidade humana e pela comunidade do povo de Deus eles saberão resolver os vários problemas que a eles se referem, levando em conta essa igualdade, essa participação e essa corresponsabilidade. ■



luzes da cidade: uma grande ilusão

Cada ano, três milhões de brasileiros abandonam o campo e vão para as cidades onde provavelmente viverão marginalizados, nas periferias e favelas dos centros urbanos.

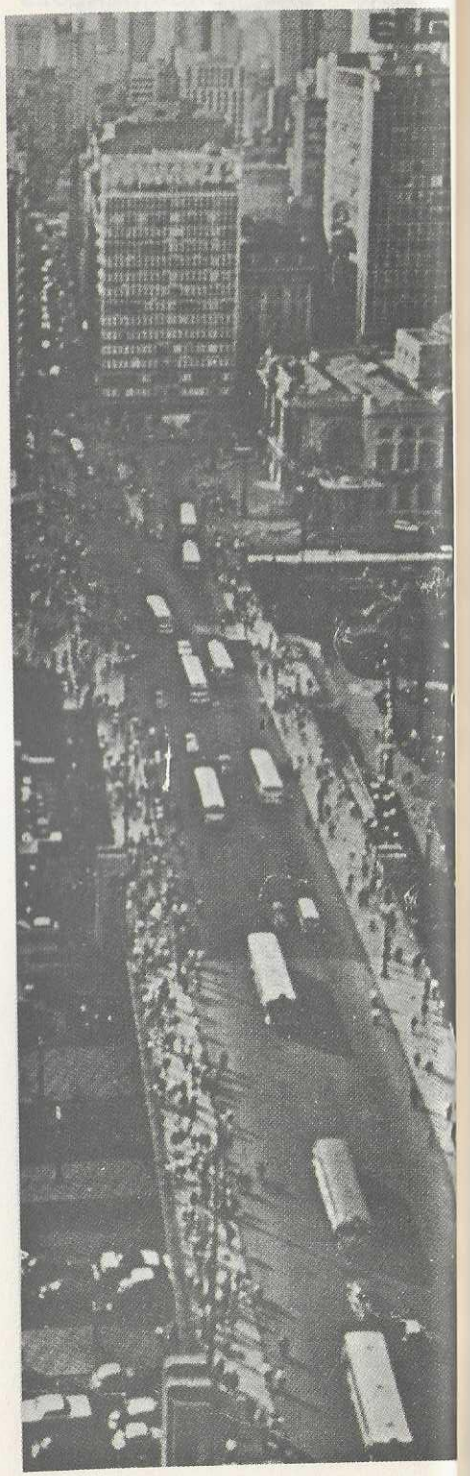
Muitos já sabem o que os espera. Mas não tem escolha. Sua opção está entre dois infernos. E quando partem, na viagem sem volta, creem que o inferno mais suportável está lá longe, junto do mar ou das chaminés de fábricas.

E as cidades crescem desmedidamente.

Os especialistas vêm poucas possibilidades de garantir-se uma razoável qualidade de vida para todos, nas cidades com mais de um milhão de habitantes.

Ora, são justamente essas grandes metrópoles altamente industrializadas que exercem maior atração sobre os que vivem no campo, em condições insuportáveis.

A estes, qualquer risco diante de um imprevisível futuro nas cidades iluminadas, é assumido em desespero de causa. Acham que não poderá haver nada pior que a situação em que vivem com suas famílias.



Especialmente aqueles que não são donos das terras em que trabalham, se vêm sem nenhuma perspectiva de saída da miséria em que vivem.

E dos quarenta milhões de brasileiros que vivem no campo, a maioria não possui o seu próprio pedaço de chão para cultivar.

Trabalham para algum fazendeiro ou empresa agrícola, sob a ameaça permanente do desemprego: qualquer deslize, falha ou queda de produtividade, pode ser causa de dispensa.

Muitos integram aquele enorme contingente de trabalhadores sem emprego fixo, que são arrebanhados para as colheitas, em seu tempo, e ficam desocupados, sem salário, por longos períodos, aguardando a próxima safra.

São os bóias-frias que talvez já somem, no Brasil, mais de cinco milhões. Se considerarmos que cada um talvez tenha pelo menos dois ou três dependentes, vamos concluir que quase um sexto da população brasileira depende dessa instável atividade que alterna curtos períodos de estafante trabalho mal remunerado, com longos períodos de ociosidade miserável.

Quais podem ser as condições sociais e psicológicas das famílias que vivem esse tipo de angustiante instabilidade, sem esperanças?

Poderão essas famílias exercer suas funções de formar pessoas, educar na fé, promover o desenvolvimento de sua comunidade?

ATRATIVOS SÃO IRRESISTÍVEIS

A cidade grande parece oferecer ao homem do campo tudo aquilo que ele considera essencial para a sua vida — e que ele nunca experimentou possuir.

Condições de trabalho

Estatísticas apuradas do primeiro semestre de 74 referentes ao volume de acidentes de trabalho no Brasil afirmam que "o tratamento proporcionado aos acidentados, pelo INPS tem garantido cura integral em 96% dos casos e possibilidade de retorno à mesma atividade em 99%.

Quem mora nas grandes cidades, diariamente vê, nos altos edifícios em construção, aqueles corajosos operários realizando o seu trabalho em condições nem sempre seguras. Esses riscos de acidentes não são só dos operários de construção civil, mas também da indústria, comércio e agricultura.

Subemprego e Desemprego

Conceito de trabalhador: Trabalhador é todo o indivíduo que necessita de seu trabalho para poder viver e fazer viver sua família. — Dado por jurista da USP em "O Est. de S. Paulo", 1/5/75.

Conceito de empregado: O artigo 3º da CLT: considera-se empregado toda pessoa física que presta serviço de natureza não eventual a empregador, sob a dependência deste mediante salários. E segundo ensina Arnaldo Susekind sobre a CLT: Empregado é o trabalhador que exerce sua atividade profissional em função de um contrato urbano de trabalho. — Fonte: Veja em cima.

Algumas pesquisas apontam o índice de 40% de subempregados ou de toda forma de marginalização na força de trabalho paulista, 26% na mineira, 25% no Recife. Do total de 30 milhões de brasileiros ativos, não se sabe quantos são os desempregados.

Em uma favela de S. Paulo o subemprego chega a adquirir conotações sofisticadas, como a formação de uma verdadeira "cooperativa de trabalho". A situação não é melhor em outros pontos do território nacional conforme levantamento realizado por redes sucursais e pelo serviço local. Existe apenas algumas pesquisas isoladas, como foi feita na região metropolitana de Belo Horizonte. Avalia-se em pelo menos 26% os subempregados na Capital Mineira. Com base em estudos feitos em 1972 pelo Plano de Desenvolvimento de Belo Horizonte (PLANBEL), apurou-se que nunca menos de 26% da mão de obra ganha abaixo do salário mínimo legal, e que em todos os setores a metade da população recebia menos que dois salários mínimos legais, sendo a situação mais dramática no setor de serviços pessoais com 50% da mão-de-obra percebendo menos que 1/2 salário mínimo. ▶